

ELIANE MARTINS DE OLIVEIRA

**ESCOLA E SEXUALIDADE,
MITOS E MEDOS: A ESCOLA PODE E DEVE TRABALHAR O TEMA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista no Curso de Especialização "Educação Física: saber escolar, currículo e didática", do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof^ª. Dra. Carmen Lúcia Fornari Diez.

CURITIBA

2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TERMO DE APROVAÇÃO

ESCOLA E SEXUALIDADE, MITOS E MEDOS: A ESCOLA PODE E DEVE TRABALHAR O TEMA

POR

ELIANE MARTINS DE OLIVEIRA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Física: saber escolar, currículo e didática realizado pelo Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

AVALIAÇÃO

CONCEITO: 9

PROF^a


Dra. CARMEN LÚCIA FORNARI DIEZ

PROF^o

Ms. RICARDO MARINELLI MARTINS

PROF^o

Ms. SÉRGIO ROBERTO CHAVES

CURITIBA

2005

Genesis

(Caetano Veloso)

Primeiro não havia nada
Nem gente nem parafuso
O céu era então confuso
E não havia nada
O espírito de tudo
Quando ainda não havia
Tomou forma de uma jia
Espírito de tudo
E dando o primeiro pulo
Tornou-se o verso e o reverso
De tudo que é universo
Dando o primeiro pulo
Assim que passou a haver
O que ainda não havia...
Tempo, pedra, peixe, dia
Assim passou a haver...

Dedico este trabalho à minha querida filha Giulliana Mariah que está no início de sua caminhada brincando, dançando, cantando, correndo, pulando, questionando tudo, vivendo esta maravilhosa infância.

Agradeço aos meus adoráveis pais Pedro e Irene pelo incentivo e apoio cuidando da Giulliana Mariah durante a trajetória do curso.

Ao meu amor e companheiro Donizzéte que esteve presente nos momentos importantes.

À professora Carmen pela disponibilidade em orientar-me, indicando leituras e estudos para a realização de um trabalho com conteúdo significativo.

Aos professores Ricardo e Sérgio que contribuíram para a melhoria do trabalho

SUMÁRIO

<u>RESUMO</u>	VII
<u>INTRODUÇÃO</u>	1
<u>CAPÍTULO I</u>	4
<u>AMPLIANDO OS CONHECIMENTOS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE</u>	4
1.2 <u>SEXUALIDADE E GÊNERO</u>	10
1.3 <u>DIVERSIDADE SEXUAL</u>	13
<u>CAPÍTULO II</u>	16
<u>APROFUNDAR OS ESTUDOS SOBRE A AUTO-ESTIMA E O CONHECIMENTO DE SI PRÓPRIO</u>	16
2.2 <u>TRABALHANDO A AUTO-ESTIMA</u>	18
<u>CAPÍTULO III</u>	20
<u>REALIZAR ESTUDOS SOBRE O TEMA SEXUALIDADE APONTANDO ELEMENTOS PARA O TRABALHO NA ESCOLA</u>	20
3.2 <u>COMO TRABALHAR AS QUESTÕES DO PRECONCEITO NA ESCOLA</u>	23
3.3 <u>AS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (DST/AIDS)</u>	24
3.4 <u>COMO PODEMOS PREVINIR PARA NÃO SOFRER AS CONSEQUÊNCIAS</u>	27
3.5 <u>DINÂMICA DE GRUPO SOBRE AGRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA</u>	29
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	32
<u>REFERÊNCIAS</u>	33

RESUMO

Este trabalho de pesquisa bibliográfica visa ampliar os conhecimentos sobre sexo e sexualidade, realizando uma discussão com diversos autores em relação ao tema. Aborda as questões de gênero, constatando que ainda hoje permanecem alguns mitos na vida do ser humano. A diversidade sexual é amplamente discutida, enfatizando o respeito às diferenças. Os estudos sobre a auto-estima são desenvolvidos para que a pessoa se respeite, se valorize e saiba tomar decisões firmes e coerentes com seus desejos e vontades. Apresenta-se uma dinâmica de grupo, para o trabalho na escola, fortalecendo o amor próprio e o saber lidar com as dificuldades. Visa também desenvolver na escola o tema sexualidade, discutindo as questões do preconceito, das Doenças Sexualmente transmissíveis (DST), enfatizando a Aids, a prevenção e a gravidez na adolescência, com uma dinâmica de grupo alertando para a responsabilidade sobre nossas atitudes.

INTRODUÇÃO

Este projeto de Monografia nasceu a partir de diversas observações a respeito do ser humano. Dúvidas, preconceitos, valores e diferentes atitudes acerca da Sexualidade, serviram de motivação para aprofundar-me neste tema. Os alunos da Escola Municipal Papa João XXIII, onde trabalho, foram importante referencial na elaboração desta monografia.

Os questionamentos feitos nos debates realizados em aula, foram essenciais para esclarecer inúmeras dúvidas. No decorrer destes debates, os adolescentes foram percebendo que falar sobre sexualidade, além de enriquecedor, não é um “bicho de sete cabeças”.

Neste sentido, a Educação Física contribui para a formação integral do ser humano, a partir do conhecimento de suas origens, história bem como de sua sexualidade.

Por meio de atividades que promovam o conhecimento de si mesmo, a melhoria da auto-estima e outros valores significativos, o adolescente desenvolve atitudes mais humanas, fraternas, coerentes, responsáveis e livres de preconceitos, enfrentando de forma corajosa, os desafios propostos pela vida.

Vencer preconceitos, eliminar couraças, amar-se, ser consciente de seus atos e atitudes, conhecendo seu corpo, é algo que não parece ser tão simples. A Filosofia, a Psicologia, a Sociologia e a História entre outras, tem muito a nos dizer

sobre estas questões, e , é baseado nestes conhecimentos que se pretende desenvolver esta monografia.

Muitos autores escrevem sobre o tema sexualidade. Procurei primeiramente levantar vários conceitos sobre sexo e sexualidade. A importante obra de Foucault sobre a História da Sexualidade está relatada no livro da professora Inês Araújo. Ela faz observações referentes a obra de Foucault.

O pai da psicanálise, Freud, com seus importantes estudos sobre o ser humano não poderia deixar de ser citado. Em a História das Mulheres no Brasil, podemos entender muitas questões sobre a sexualidade feminina.

Trevisan com seus estudos sobre o homossexualismo, nos relata diversas passagens importantes. Sobre Orientação Sexual, Suplicy e os estudos realizados por Schering e Marinho nos apresentam um rico material para o trabalho na escola.

Muitas obras de arte retratam a sexualidade humana. Na música encontramos preciosidades que podem além de ilustrar, refletir e ampliar os conhecimentos de maneira mais agradável.

Desta forma o trabalho foi sendo construído:

No primeiro capítulo, pretende-se ampliar os conhecimentos sobre sexo e sexualidade, procurando conceitos em diversos autores sobre o tema. Discutir as questões de gênero e os mitos que ainda hoje permanecem. Abordar a diversidade sexual principalmente no tocante ao respeito às diferenças.

No segundo capítulo, busca-se aprofundar os estudos sobre a auto estima e o conhecimento de si próprio. A auto-estima, essencial ao ser humano, faz com que a pessoa sinta-se mais segura em suas atitudes e decisões. Neste capítulo,

encontramos uma dinâmica de grupo para o desenvolvimento e fortalecimento da auto estima.

No terceiro capítulo, almeja-se refletir sobre alguns estudos relativos ao tema sexualidade, apontando conteúdos para o trabalho na escola. Trata-se de assuntos como o preconceito, as DST e Aids, métodos de prevenção e a gravidez na adolescência, com uma dinâmica que ajuda no despertar para a responsabilidade de nossas atitudes.

A partir desta reflexão sobre este assunto tão polêmico, espero estar contribuindo para afastar medos e preconceitos, abrindo espaço para o diálogo e muitas reflexões.

CAPÍTULO I

AMPLIANDO OS CONHECIMENTOS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE

“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.”

(Dom de Iludir, Caetano Veloso)

Ser, em sua essência... somos aquilo que pensamos, somos nossas atitudes, nossa postura política, social, econômica, sexual, somos energia viva que circula. Somos seres humanos, com dúvidas, desejos, vontades próprias e precisamos estar atentos. A sexualidade está inserida neste contexto, ela é a própria vida. E para iniciar os estudos sobre a sexualidade é preciso analisar alguns conceitos. O que nos diz a filosofia, a sociologia, a biologia, a psicologia, a história, dentre outras, sobre este tema tão importante e polêmico que é a sexualidade.

Sexo e sexualidade são conceitos distintos. Sexo é o conjunto de características anatômicas e fisiológicas. Já a Sexualidade é a própria vida, num processo que vai do nascer ao morrer. Envolvendo, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura.

Segundo o dicionário Larousse Cultural (1992), sexualidade é qualidade de sexual. Conjunto dos fenômenos sexuais ou ligados ao sexo, que se pode observar nos seres vivos. Conjunto das diversas modalidades de satisfação sexual. Já o sexo está denominado como característica física permanente do organismo animal ou vegetal, que permite distinguir, em cada espécie, os machos e as fêmeas.

À luz do filósofo francês Michel Foucault (1984), entende-se a sexualidade como um dispositivo de poder, o qual não se concentra em um único ponto da sociedade, mas está presente em toda ela. Para Foucault, não existe repressão sexual, o que há é o sexo proibido e escondido apenas para ser incitado e incessantemente revelado.

Segundo a sociologia, o sexo nunca foi algo desconhecido para os seres humanos, mas a civilização moderna o colocou no centro de um dispositivo que o transformou em sexualidade. Através desse mecanismo o sexo acabou sendo um ponto denso das relações de poder na sociedade moderna e hoje nos encontramos na época mais sexualizada de toda a História.

A palavra sexualidade não existia antes do final do século XIX. Freud, através de seus estudos psicanalíticos, distingue a sexualidade do instinto sexual. O dicionário de psicanálise de Laplanche & Potalis considera que a sexualidade não se confunde com o instinto sexual, porque este é considerado fixo e pré-formado e a sexualidade, relaciona-se à história de cada indivíduo. Na história de nossa sociedade, a palavra sexualidade sempre foi associada à capacidade de reprodução do ser humano. Essa idéia tem gerado muitos preconceitos e discriminações. Após estudos sobre sexualidade, entende-se que sociedades e culturas diferentes expressam de diferentes formas sua sexualidade.

A revista Veja trouxe como manchete de capa no mês de Janeiro de 2005 o tema sexualidade: "A ciência mostra que o bem estar físico e psicológico depende muito mais da sexualidade do que se pensava".

Desde Sigmund Freud (1856-1939) a ciência tenta explicar as conexões entre a sexualidade e o bem estar físico e mental. Quando o pai da psicanálise escreveu seu

ensaio sobre ansiedade e neurose, em 1895, dando uma ênfase até então inédita à sexualidade, choveram críticas. Freud achou melhor rebatê-las em outro artigo, no qual foi ainda mais enfático. Freud escreveu: "Muitas doenças mentais e as fobias, em especial, não ocorrem quando uma pessoa leva uma vida sexual normal". Sobre a pedra fundamental das análises de Freud ergueu-se um monumental edifício de estudos da sexualidade e de seu impacto sobre outras dimensões vitais do ser humano. Os médicos investigam com crescente interesse como as carências sexuais podem produzir doenças físicas e psicológicas e, por outro lado, como certas moléstias afetam o desempenho e a satisfação sexual. As depressões, os males cardíacos e circulatórios e o diabetes são doenças com impacto direto sobre a sexualidade. (in revista Veja ed.1888, p. 73)

O Dr. Francisco Carlos Anello, do Instituto Paulista de Ginecologia&Obstetrícia, nos diz que sexualidade é vida, uma espécie de energia. É também uma forma especial e profunda de comunicação do indivíduo consigo mesmo e dele com o outro. A sexualidade promove o autoconhecimento, sendo desenvolvida através da interação social.

A Sexualidade faz parte da nossa vida desde o nascimento até a velhice. Envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura.

A revalorização do corpo aconteceu no Renascimento nos séculos XV e XVI, após o Cristianismo ter negado os ideais gregos de valorização do corpo pregando o desenvolvimento da espiritualidade. Nessa época, o mundo era palco de muitas mudanças: as grandes navegações, a imprensa, a reforma religiosa dos protestantes.

Viviam gênios como Leonardo da Vinci e Michelangelo. O Renascimento retoma valores da Grécia antiga, que cultuava os prazeres e as artes. A forma de nossa civilização lidar com a Sexualidade é muito semelhante ao longo dos tempos, baseia-se no medo e na culpa, de forma mais atenuada nos dias de hoje.

"A toda poderosa igreja exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina. O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e portanto cabia a ele exercer a autoridade." (PRIORE 1997: 45)

No Ocidente, as mulheres foram impedidas de manifestar sua sexualidade, sendo símbolo de pureza e castidade. Hoje buscam a igualdade em todos os níveis.

O culto ao corpo e à sexualidade está mais presente na vida das pessoas. Infelizmente isso não quer dizer que estejam mais abertas para o debate sobre sua sexualidade, livres de tabus, medos e preconceitos. Os valores conservadores são ainda muito fortes.

Segundo Araújo (2000:83), Foucault argumenta que o poder não é exclusivamente repressivo, havendo inúmeras relações de poder que se tramam lateralmente e de baixo para cima, localizadas nos saberes acerca do indivíduo, seu corpo, seu comportamento, e que visam principalmente o comportamento sexual. Sexo não é aquilo que se reprime, mas aquilo que se confessa o tempo todo, revelação da verdade sobre si, a mais secreta e recôndita, que vindo à luz, libertaria. Mas Foucault entende que essa é uma forma de produção de verdade, nos moldes que a nossa sociedade mais cultua e valoriza, a insuspeita verdade científica.

Para os modernos, os discursos funcionam apoiando-se em redes de saber e poder, os gregos, em contrapartida, viam no lugar do sexo e da sexualidade, os prazeres, tomados como questão moral. Para Foucault a realidade humana em uma dada época é constituída pelas relações entre verdade, poder e ética. Ou mais especificamente: jogos de verdade como as práticas disciplinares, relações de poder como a punição e constituição de si como sujeito de seus atos na elaboração ética de si para si são problemas centrais nos escritos de Foucault. Pode parecer estranho que ele tenha abordado o problema ético justamente numa história da sexualidade. O que implica que a ética não é abordável apenas pelo ângulo das regras ou codificações universalmente válidas.

Na Grécia Antiga, no domínio dos prazeres, todo cidadão ao exercer sua liberdade poderia elevar-se até o amor ao saber, à filosofia, atividade pautada por preocupações de ordem ética, particularmente no que toca ao amor aos rapazes. Já nos primeiros séculos da era cristã, a mulher passa a ser valorizada e a atenção ética se volta para ela nas relações matrimoniais, até que, em uma lenta evolução, se chega às preocupações com o corpo, relacionando-se saúde e normalidade com o comportamento sexual. O homem de desejo, desejo que é interpretado com valor de catarse, está presente nos cuidados consigo dos latinos, no exame de consciência e em outras práticas relacionadas à conduta sexual. Isto não ocorria com o tipo de problematização que os gregos faziam de seus prazeres e de seu uso.

O domínio da sexualidade tem a marca histórica, não é um obscuro instinto ou pulsão biológica atemporal.

Fazer a genealogia do homem de desejo é buscar as transformações históricas que conduziram a que o sujeito pudesse pensar a si mesmo como tal, isto é, como sujeito. Foucault analisa as práticas que conduzem os indivíduos a se descobrirem e a descobrir no desejo sexual a verdade de seu ser.

Em História da sexualidade a questão é relativa aos jogos de verdade, que produzem o indivíduo como alguém sujeito de seus atos por meio de diversas práticas de si. Entre os gregos, estilização da vida, cuidados com o corpo, a saúde, busca do amor verdadeiro; mais tarde intervieram os preceitos e regras morais, e, recentemente, as práticas terapêuticas e a psicanálise. Afirma ser esse um trabalho de história, porém não de historiador, já que o historiador tem um compromisso

teórico com a ciência e Foucault faz uso filosófico da história; é o genealogista ocupado com as práticas discursivas em seus efeitos de saber e poder.

O Conselho Federal de Medicina, a Organização Mundial de Saúde e as principais associações científicas brasileiras e internacionais (desde 1970 nos Estados Unidos e desde 1985 no Brasil) deixaram de considerar a homossexualidade como desvio ou doença, e, hoje, entendem como uma orientação sexual tão saudável quanto a bissexualidade ou a heterossexualidade. Não existe nenhuma lei no Brasil que condene as relações afetivo sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

Segundo Araújo (2000), no momento em que a ciência passa a tratar do sexo, está criado o domínio da sexualidade. A atividade sexual é vista sob o prisma das classificações em termos de normal/anormal, são/patológico. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não realidade subterrânea sobre a qual se exerceria tomadas difíceis, mas grande traçado de superfície onde a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e resistências encadeiam-se uns nos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

A Aids é uma doença cujo reconhecimento demanda toda uma série de medidas que reforçam o saber/poder. Requer um saber vigilante de praticamente toda a sociedade que envolve cada um dos seus membros em sua vida pessoal. Esse saber visa o corpo e o uso dos corpos, as práticas, as normas e hábitos sexuais, a saúde pública, as medidas preventivas de higiene. Se tudo isso evita a propagação da Aids, favorece por outro lado formas de extrair verdade sobre os indivíduos e sua conduta sob a capa da técnica e da qualificação para falar sobre a

doença, controlá-la, atividades insuspeitas em nossa sociedade tecnicista e cientificista. O poder/saber opera separando, filtrando, equacionando, normalizando. As campanhas contra a Aids acabam por favorecer e insuflar os mecanismos reguladores da disciplina e da sujeição dos corpos.

A sexualidade passou a ser requisitada pela sociedade que detém, por intermédio de políticas sociais, demográficas, médicas, sanitárias, um tipo de poder sobre a vida. Se o Estado não tiver uma política que resulte em conservação, prolongamento, controle da vida, dificilmente se sustenta. Importa conhecer o sexo para controlá-lo e por esse controle visa-se a vida das populações.

Sem o dispositivo da sexualidade, o biopoder encontraria muito mais dificuldade para se implantar. Gerir a vida passa pela sexualidade. Mesmo quando exerce sua capacidade de matar, o que tem em vista é a administração da vida. As tecnologias e estratégias do saber/poder visam o corpo, a saúde, a alimentação, a habitação, o espaço. As normas da medicina, da administração pública, as medidas sanitárias e de controle de natalidade, acabam por ter um papel mais eficiente que o das simples leis e mecanismos jurídicos. Sem essas normas de governabilidade que distribuem a vida em espaços e que calculam seu valor, o Estado seria inviável.

1.2 SEXUALIDADE E GÊNERO

Gênero é o conjunto de papéis e funções socialmente atribuídos a cada sexo. Ser mulher ou ser homem é mais do que ter um sexo biológico: é ter um lugar na sociedade, um papel cultural. Em todas as sociedades, existem diferenças de gênero, embora essas diferenças não sejam as mesmas em todas as épocas e culturas. O fato de ocorrerem variações prova que os papéis de gênero não são determinados pela biologia e podem ser transformados. (BALLEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO e SCHERING. 1999: 57)

Por ser a relação de gênero uma construção social, está em constantes mudanças culturais. Hoje cada vez mais a mulher participa ativamente da sociedade saindo para o mercado de trabalho e assumindo cargos importantes. Homens realizam trabalhos domésticos, antes tarefas somente das mulheres. Esta mudança é significativa e permite uma mudança qualitativa nas relações de poder.

O conceito de gênero, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica entre os sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de masculino e feminino como construção social.

O texto referente a Gênero dos Parâmetros Curriculares Nacionais sugere que sejam previstas discussões sobre:

- a diversidade de comportamento de homens e mulheres em função da época e local onde vivem;
- a relatividade das concepções tradicionalmente associadas ao masculino e ao feminino;
- o respeito pelo outro sexo, nas figuras das pessoas com as quais se convive;
- o respeito às muitas e variadas expressões do feminino e do masculino;
- a responsabilidade de ambos na contracepção e na ocorrência de uma gravidez;
- a responsabilidade de homens e mulheres na prevenção das DST/Aids.

As questões de gênero devem ser trabalhadas quando abordamos o tema sexualidade principalmente para desmistificar papéis impostos pela sociedade que influenciam o comportamento das pessoas ainda nos dias de hoje.

Cada vez mais precisamos trabalhar com a idéia de igualdade entre mulheres e homens. Estar atentos aos estereótipos e formas de usar o vocabulário como por exemplo: direitos humanos e não direitos dos homens. Isso pode ser fruto de muitos mitos que embora transformados estão vivos até hoje.

Os estereótipos muitas vezes são aprendidos na infância, como opiniões pré formadas que generalizam e padronizam o comportamento das pessoas. A mulher é apontada para a passividade, fragilidade, tolerância, emotividade e, o homem é apontado para a agressividade, força, objetividade, competição. Isso vai limitando o comportamento de homens e mulheres e reprimindo a expressão e o jeito de ser de cada um.

Como na mitologia grega a mulher era representada por Afrodite, a deusa do amor, da beleza, da sedução e o homem era representado pelo guerreiro Ares. Já na mitologia romana Afrodite é Vênus e Ares é Marte. Ainda associa-se o masculino ao trabalho, à competição, à sexualidade ativa e procriadora. E ao feminino associa-se a fecundação, o ciclo natural, o sentimento.

1.3 DIVERSIDADE SEXUAL

“Por tanto amor, por tanta emoção
a vida me fez assim,
doce ou atroz. manso ou feroz
eu. caçador de mim.
(Caçador de mim: sérgio Magrão e Luis Carlos Sá)

A Constituição de nosso País diz que a igualdade de direitos está garantida para homens e mulheres independente de sua raça, classe social, origem e orientação sexual. Infelizmente observamos na prática que a discriminação em função das diferenças existe. A diversidade muitas vezes é marcada pelo preconceito e discriminação.

A capacidade de relacionar-se com alguém, amorosa ou sexualmente pode ser definida como Orientação Sexual. A relação pode ser com alguém do sexo oposto –heterossexual-, com alguém do mesmo sexo –homossexual-, ou , com pessoas de ambos os sexos –bissexual.

Segundo Schering e Marinho (2001), para discutir as relações é importante compreender que as noções de sexualidade feminina e masculina são construções sociais. Na adolescência é comum experimentar algum tipo de atração ou até mesmo de experiência sexual com pessoas do mesmo sexo. Pode-se compreender como descoberta, auto-reconhecimento e experimentação da sexualidade, somente na idade adulta é que realmente se define a orientação sexual. Em geral existe o caráter de admiração por uma pessoa mais velha, mais do que atração sexual.

Uma questão importante para ser discutida é a relação de gênero e a orientação sexual. Nem sempre uma mulher que tem atração sexual por outras mulheres gosta de se comportar como um homem. Homens homossexuais não são necessariamente afeminados. O homossexual não quer mudar de sexo. Sente-se bem com seu sexo, mas, seu desejo sexual, sua orientação é pelo mesmo sexo. O travesti tem desejo pelo mesmo sexo e também precisa vestir-se com roupas do outro sexo. O transexual quer mudar de sexo, sente-se no sexo errado.

Schering e Marinho (2001), nos explicam porque as mulheres homossexuais preferem ser chamadas de lésbicas. A poetisa grega Safo que viveu há 2.600 anos na ilha de Lesbos, dando origem a palavra lésbica, foi uma mulher revolucionária, fundou uma escola de mulheres onde ensinavam, além de música e poesia, temas sobre a emancipação da mulher. Suas poesias falavam de amor e paixão entre as mulheres. Para as lésbicas, essa palavra tem um sentido de liberdade e reforça a consciência de pertencerem ao gênero feminino.

Segundo o sociólogo Gilberto Freyre "...a prática homossexual (chamada, por ele, de culto a Vênus Urânia) teria sido popularizada no Brasil pelos próprios europeus, que encontraram na moral sexual dos índios e nas condições desenfreadas de colonização um terreno fértil para sua expansão". (in Trevisan 1986:65),

Experiência de uma tribo, "os Kraô tem sua sexualidade mais liberada. Ocupa um espaço lúdico muito importante oscilando entre o desejo e a pura brincadeira. As mulheres em sua fertilidade não tem parceiros sexuais exclusivos é comum transarem com vários homens. Acredita-se que o filho é o resultado de um acúmulo de esperma na mulher. As crianças chamam vários índios de pai. Os homens solteiros ou casados costumam manter relações sexuais entre si". Esta experiência foi relatada por Sérgio Domingues que viveu entre os índios Kraô em 1983 no Estado de Goiás. (in Trevisan 1986:100)

Na arte encontramos muitas manifestações da diversidade sexual. Darcy Penteado retratou pela primeira vez na pintura brasileira os nus masculinos. Nesta mesma época, cantoras de música popular Maria Betânia e Gal Costa deixavam que as fotografassem dando-se um terno beijo na boca, ao final de um show, quebrando o gelo entre as mulheres. Seguiram-se aí Ângela Roro, Leci Brandão, Simone e Marina Lima que demonstraram publicamente o amor preferencial por mulheres. Marina canta nos anos 80 “Você precisa de um homem pra chamar de seu, mesmo que este homem seja eu”.

No ambiente teatral, a prática do travestismo ocorria num contexto nada inocente. É lícito supor relações entre o travestismo e o homossexualismo, que tinham em comum o fato de andarem contra a corrente, num ambiente quase exclusivamente masculino, como era o teatro no séc. XIX.

O travestismo evoluiu por duas vertentes diversas: uma meramente lúdica nas danças e a outra mais profissional com o surgimento do ator-transformista.

Caminhando pelas artes encontramos a temática homossexual presente nas obras de Nelson Rodrigues, com certeza o mais original dos modernos dramaturgos brasileiros. Caetano Veloso numa, famosa entrevista, referiu-se explicitamente ao seu desejo de ser múltiplo. Gilberto Gil canta o amor pelos homens e o fenômeno Ney Matogrosso que canta e encanta com suas maravilhosas danças e um jeito único de apresentar-se.

CAPÍTULO II

APROFUNDAR OS ESTUDOS SOBRE A AUTO-ESTIMA E O CONHECIMENTO DE SI PRÓPRIO

“Para melhorar a auto-estima é preciso que a pessoa incorpore três posturas na vida: transformar as reclamações e lamentos em decisões, escolher objetivos viáveis e dar um passo de cada vez”.

(Cristophe André e François Lelord)

Por que será que falar sobre auto-estima é tão necessário quando discutimos as questões de Sexualidade?

Todo projeto de vida depende de uma coisa muito importante: o amor-próprio. É difícil construir a vida positivamente se não nos gostarmos, nos respeitarmos e não nos aceitarmos.

A auto-estima costuma ser definida como o sentimento de importância e valor que uma pessoa tem em relação a ela própria. Quem a possui em alto grau confia em suas percepções e em seus julgamentos, acredita que suas iniciativas vão dar certo e lida com os outros com facilidade. Uma pessoa com baixa auto-estima sofre por se considerar inadequado e desprestigiado. Também tende a se ver como desamparado e inferior.

Procurar perceber o jeito de ser e valorizar as qualidades é um dos pontos para melhorar a auto-estima.

Para tomar decisões saudáveis é preciso uma boa auto-estima. Sabemos que nossa vida é feita de tomada de decisões o tempo todo. Decidir é resolver, julgar, dar preferência, escolher entre muitas, a opção mais acertada. Obviamente, tudo depende daquilo que acreditamos, dos nossos valores e dos nossos conhecimentos.

O Psicólogo americano Nathaniel Branden, especialista neste assunto, afirma que “quase todos os problemas psicológicos – da ansiedade à auto-sabotagem no trabalho e no amor, do medo da intimidade à escravidão das drogas – têm sua raiz no amor insuficiente do indivíduo por si mesmo”. Segundo esse autor, a auto-estima influencia tudo o que as pessoas fazem, dos atos mais banais, como pedir desconto em uma loja, até as perspectivas que tem quanto ao futuro. (in Schering e Marinho, 2001:147)

As decisões são tomadas de forma mais saudável em relação a vida sexual e afetiva, quando a pessoa tem uma boa auto-estima. A pessoa com a auto-estima em baixa dificilmente consegue conversar sobre o uso de preservativos e contracepção.

Quem se ama deseja e sabe que merece o melhor para si. A auto-estima é uma construção que inicia desde cedo nos cuidados dos pais com o bebê, estando atento, tratando com carinho e amor, dizendo-lhe palavras delicadas e gentis, a criança vai sentindo-se importante e amada. Quando a construção da auto-estima é realizada com paciência e dedicação dos pais, na adolescência e na vida adulta ocorre maior segurança nas atitudes e a pessoa fica menos vulnerável às críticas.

Na vida, é preciso saber defender nossas opiniões, mas, também é preciso saber ouvir. Assim , perdemos algumas coisas e ganhamos outras, principalmente ganhamos o respeito pelo outro e por nós mesmos.

2.2 TRABALHANDO A AUTO-ESTIMA

Dinâmica de grupo realizada com participantes adolescentes. Retirado do Manual do Multiplicador: adolescente, 2003.

Nome da dinâmica: Eu me gosto

Objetivo: Incentivar os adolescentes a refletir sobre sua auto-estima.

Tempo: 40 minutos

Material necessário: Sala ampla e confortável, folhas de papel sulfite, conjunto de fichas coloridas (vermelha, amarela, azul, verde, branca), canetas e cola.

Procedimento do professor:

1. Entregar meia folha de sulfite para cada participante e solicitar que anotem uma situação extremamente positiva que tenha acontecido com ele ultimamente.
2. No verso da folha, deverá descrever uma situação difícil que tenha causado sentimentos negativos.
3. Assegurar que não é preciso colocar o nome.
4. Recolher as folhas e guardar consigo.
5. Entregar as fichas coloridas com o seguinte código: vermelho – extremamente chateado(a); amarelo – muito chateado(a); azul – mais ou menos chateado(a); verde – pouco chateado(a); branco – não chateado.
6. O professor lê as situações que podem ocorrer com os participantes.

7. À medida que for lida a frase, cada participante deverá rasgar um pedaço da ficha colorida, de acordo com o código, na proporção em que essa situação afetaria sua auto-estima.
8. O professor lê as frases criadas pelos participantes e pode criar outras frases.
9. Em seguida cada participante irá colar os pedaços rasgados, montando um quebra-cabeça, relacionando-o à sua auto-estima.

Pontos para discussão:

- Identificar situações que incomodam e que agradam.
- Identificar situações que não interferem na auto-estima.
- Que cores aparecem mais?
- Encontrar alternativas para melhorar sua auto-estima.

O resultado esperado é que os participantes obterão clara idéia do conceito de auto-estima e terão também aprendido a manejá-la.

CAPÍTULO III

REALIZAR ESTUDOS SOBRE O TEMA SEXUALIDADE APONTANDO ELEMENTOS PARA O TRABALHO NA ESCOLA.

“Nada a temer
senão o correr da luta
nada a fazer
senão esquecer o medo”
(Caçador de mim: Sérgio Magrão e Luís C. Sá)

A escola é um espaço privilegiado na implantação de ações que promovam o fortalecimento da auto-estima e do auto-cuidado, a preparação para a vivência democrática, o aumento dos níveis de tolerância às diversidades, o respeito mútuo e desta forma a melhoria da qualidade de vida. Portanto é um lugar fundamental para se discutir o tema sexualidade.

A Sexualidade envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. Falar de sexualidade é falar da própria vida.

A escola traz os conhecimentos que nos ajudam a entender e enfrentar os desafios da vida, tem um papel fundamental no desenvolvimento da sexualidade dos jovens. Na escola, estudar sexualidade significa: acabar com tabus e crendices, garantir maior igualdade nas relações entre mulheres e homens melhorando significativamente a qualidade de vida.

Na década de 1920, encontrou-se registros de escolas que desenvolviam trabalhos na área da Educação Sexual. Mas é nos anos 80 que as experiências foram mais freqüentes. Os primeiros trabalhos eram voltados basicamente às questões biológicas. Hoje sabemos que o entendimento biológico é importante mas

insuficiente para a compreensão total do indivíduo, com isso, os aspectos emocionais, socioculturais, históricos, entre outros, são fundamentais para o trabalho de Educação e Sexualidade.

No passado acreditava-se que a educação sexual nas escolas não era aceita pela sociedade, hoje, pesquisas demonstram o contrário.

Schering e Marinho nos apontam como foi a evolução das questões sobre a sexualidade na escola:

Em 1974 foi aprovada pelo Conselho Federal de Educação a implantação da Educação Sexual nas Escolas de segundo grau. A abordagem fica centrada nas questões biológicas.

No ano de 1976 o Governo deixa de se responsabilizar pela Educação Sexual e este tema volta a ser de responsabilidade somente da família.

Na década de 1980, com o fim da Ditadura Militar, volta a crescer os debates sobre a necessidade de Educação Sexual nas Escolas. A preocupação maior gira em torno da Gravidez na Adolescência e o surgimento da AIDS.

Em 1997, no Congresso Mundial de Sexologia, aprovou-se um documento que diz respeito aos direitos sexuais:

1. O direito à liberdade sexual – todos podem expressar seu potencial sexual do modo que quiserem. Só não podem forçar alguém a fazer sexo, explorar a sexualidade alheia ou abusar do outro.
2. O direito a autonomia sexual, à integridade sexual e à segurança dos órgãos sexuais – cabe a pessoa decidir como e com quem vai satisfazer

sua sexualidade, desde que livre de tortura, mutilação e violência de qualquer tipo.

3. O direito à privacidade sexual – todas as pessoas têm direito à intimidade, desde que isso não signifique interferir nos direitos sexuais dos outros.
4. O direito à igualdade sexual – abolição de todas as formas de discriminação, independente de sexo, gênero, orientação sexual, idade, raça, classe social, religião, deficiência mental ou física.
5. O direito ao prazer sexual – o prazer sexual é uma fonte de bem-estar físico, psicológico, intelectual e espiritual, e deve fazer parte da vida de todas as pessoas, incluindo o que se obtém pela masturbação.
6. O direito a expressão sexual – cada pessoa tem o direito de expressar a sexualidade por meio da comunicação, de toques e do amor.
7. O direito à livre associação sexual – significa a possibilidade do casamento ou não, de divórcio e de estabelecimento de quaisquer outros tipos de associações sexuais.
8. O direito às escolhas reprodutivas livres e responsáveis – é o direito de decidir ter ou não ter filhos, o número e o tempo entre cada um, e aos métodos de regulação da fertilidade.
9. O direito à informação baseada no conhecimento científico – a informação sexual deve ser gerada por meio de um processo científico e ético e disseminada de forma apropriada a todos os níveis sociais.

10. O direito à Educação Sexual – Educação Sexual é um processo que dura a vida toda e deve envolver todas as instituições sociais.
11. O direito à saúde sexual – o cuidado com a saúde sexual deve estar disponível para a prevenção e o tratamento de todos os problemas sexuais e das DST.

Finalmente, em 1998, o Ministério da Educação e Desporto inclui a Educação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN, não obrigatória, mas recomendada para ações dentro da Escola. O tema é dividido em quatro blocos de conteúdo para os quatro ciclos do ensino fundamental.

3.2 COMO TRABALHAR AS QUESTÕES DO PRECONCEITO NA ESCOLA

“... joga pedra na Geni...”
(Geni e o zepelim. Chico Buarque)

Segundo Schering e Marinho (2001), somente uma educação que respeite a diversidade cultural, étnica e sexual, guardando as especificidades de cada ser humano, favorecerá o desenvolvimento das capacidades individuais, de uma auto-estima saudável, de oportunidades iguais no trabalho e na vida social.

Nossa Constituição Federal tem como um dos principais objetivos lutar contra o preconceito. Além do preconceito racial, do preconceito em relação a mulher e outros existentes, temos a homofobia, aversão à homossexualidade, que é um dos maiores preconceitos, desrespeitando os direitos humanos.

Segundo Suplicy (1997), as pessoas homofóbicas mostram desprezo e agridem o homossexual como forma de afastar os conflitos e o medo de serem homossexuais. Estes sentimentos e atitudes fazem mal à sociedade, despertando movimentos autoritários e antidemocráticos, base do racismo, machismo e preconceito de toda a espécie.

Cursos regulares de Educação Sexual, cientificamente planejados, ministrados desde a pré-escola, terão um impacto crucial na transformação moral de nossa população. Os cursos devem ensinar tudo o que a pessoa precisa saber sobre sexo e sexualidade: anatomia, higiene, prevenção das DST, como evitar a gravidez, como evitar o abuso e o assédio sexual, o respeito à livre orientação sexual, o cuidado de si, as questões da auto-estima, o preconceito, a violência. Lembrando que qualquer que seja a orientação sexual é preciso usar a camisinha em todas as relações sexuais. É uma medida segura e saudável de desfrutar a vida sexual.

3.3 AS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (DST/AIDS)

Um problema médico e social, as Doenças Sexualmente Transmissíveis são contagiosas e passam de uma pessoa para outra pelo contato sexual. A falta de informação e o preconceito fazem com que muitos não procurem cuidados médicos.

A escola precisa falar, explicar, debater e cada vez mais passar os conhecimentos para que os jovens não sofram por falta de informação. É necessário saber que o uso da camisinha é o método mais eficaz para prevenir o contágio das doenças.

As principais doenças sexualmente transmissíveis e seus sintomas são:

- Gonorréia – causada por bactéria provocando infecção. As mulheres não apresentam sintomas no começo, só depois que sentem dor na barriga, ao urinar e corrimentos. Os homens sentem ardência ao urinar e corrimento amarelo e purulento no pênis.
- Candidíase – um fungo que se multiplica nos genitais (cândida). As mulheres sentem coceira nos órgãos genitais e apresentam corrimento branco. Os homens apresentam vermelhidão, manchas brancas e coceira no pênis.
- Tricomoníase – provocada por um protozoário de nome *Trichomonas vaginalis*. As mulheres sentem dor no ato sexual, corrimento amarelo-esverdeado com cheiro ruim, dificuldade em urinar e coceira nos órgãos genitais. Os homens sentem dor no ato sexual, dificuldade em urinar e coceira nos órgãos genitais.
- Clamídia – pouco conhecida mas freqüente e perigosa. Nas mulheres os sintomas nem aparecem. Nos homens ardência e secreção clara saindo do pênis antes de urinar.
- Herpes Genital – aparece de tempos em tempos, não tem cura, mas pode ser tratada. Nas mulheres e nos homens apresenta bolhas ou feridas nos órgãos genitais ou no ânus.
- Condiloma Acuminado – conhecido como crista-de-galo provocado por vírus HPV. Nas mulheres aparecem verrugas parecidas com couve-flor na vulva e tem camada grossa que lembra verruga comum. Nos homens

aparecem verrugas nos órgãos genitais ou no ânus que lembram a crista de um galo.

- Sífilis - pode ser transmitida por relação vaginal, oral ou anal. O primeiro sintoma nas mulheres e nos homens é uma pequena ferida nos órgãos sexuais, com caroços (ínguas) na virilha que surgem de 15 a 21 dias após a relação com a pessoa infectada.

A Aids ...

A Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) foi detectada pela primeira vez nos anos 80, nos Estados Unidos e Europa. Todas as pessoas que apresentaram a doença tinham o sistema de defesa no organismo debilitado e morreram pouco tempo depois. A Aids pode ser transmitida por meio do contato sanguíneo e do contato sexual. Não apresenta sintomas visíveis. Um exame de sangue deve ser feito para saber se a pessoa está infectada ou não.

É preciso que a escola ajude os jovens a repensar suas relações, fazendo escolhas mais conscientes. É preciso mostrar aos jovens o risco que correm caso não tenham responsabilidade sobre seus atos. É preciso discutir esses assuntos para que seja normal falar sobre sexualidade, tendo atitudes de liberdade com responsabilidade e sabendo sim das conseqüências, pela falta de cuidado e pela falta de amor próprio.

3.4 COMO PODEMOS PREVINIR PARA NÃO SOFRER AS CONSEQÜÊNCIAS

A prevenção deve fazer parte do dia a dia das pessoas. Lutar por condições de vida mais justa e humana é extremamente importante. A escola tem seu papel fundamental para que os alunos saibam tomar decisões responsáveis. Ao desenvolver hábitos saudáveis, livrando-se do preconceito e assumindo postura de pessoa responsável e consciente de suas atitudes, dificilmente terá medo de assumir suas vontades e desejos, sendo assim, agente de transformação.

A preocupação do jovem deve estar voltada para uma vida sexual prazerosa, sem correr riscos, usando o preservativo, procurando meios seguros para evitar uma gravidez sem planejamento. Assim, estará exercendo sua sexualidade como forma de liberdade, assumindo sua orientação sexual com segurança.

Além das DST que devem ser evitadas com o uso da camisinha, e, no caso de transfusão de sangue deve-se exigir que seja devidamente testado, os jovens precisam estar cientes sobre os métodos anticoncepcionais. Ao decidir que está preparada para relacionar-se sexualmente, a pessoa, precisa conversar com seu parceiro ou sua parceira sobre um método de contracepção. Sem medo ou vergonha, pois caso isso ocorra, não está maduro(a) o suficiente para ter uma relação sexual.

Aí que entra um fator de extrema importância que é a auto-estima. A pessoa que se valoriza e que tem amor próprio, não terá coragem de correr o risco de ficar doente ou engravidar fora de hora, por descuido. O diálogo entre as pessoas deve

ocorrer de forma natural. Alguém que não queira conversar sobre o assunto, de forma aberta e responsável, também não deve receber o devido respeito. Como pode acontecer uma relação agradável e saudável, se as pessoas não se respeitam?

Como métodos anticoncepcionais mais freqüentes temos:

- A Camisinha masculina (bastante conhecida).
- A Camisinha feminina que recobre as paredes da vagina evitando o contato do pênis e do esperma com o corpo da mulher.
- O Diafragma, usado por indicação médica, é um anel de borracha fechado no meio por uma borracha fina , em forma de cuia, é colocado na parte mais profunda da vagina tapando a entrada do útero.
- O DIU (Dispositivo Intra-Uterino) é um objeto de cobre ou de plástico feito para ser colocado dentro do útero pelo médico, impede que o espermatozóide chegue até o óvulo ou que o óvulo fertilizado se fixe nas paredes do útero.
- A Tabelinha que é um método natural. Baseia-se no controle dos dias em que a mulher está fértil.
- Método de Billings ou do Muco Cervical é outro método natural. O controle é feito pelo exame diário do muco cervical. É expelido pela vagina um líquido pegajoso e sem mau cheiro. Quanto mais perto do período fértil , o muco vai ficando mais fino e elástico, parecendo clara de ovo cru.

- A Temperatura da mulher eleva-se no período fértil, para utilizar este método deve-se medir a temperatura, sempre no mesmo horário, pelo menos durante três meses.
- A Pílula anticoncepcional é um dos métodos mais eficazes porque impede que o óvulo saia do ovário.
- A Pílula do dia seguinte aprovada pelo Ministério da Saúde, é tomada após a relação sexual, indicada apenas para casos de incidentes.
- Métodos cirúrgicos realizados tanto em homens quanto em mulheres. Nos homens é a vasectomia e consiste num corte no canal deferente, interrompendo a passagem dos espermatozoides. Nas mulheres é chamada laqueadura e consiste em cortar as Trompas de Falópio interrompendo o caminho do óvulo até o útero.
- Injeções ou implantes são aplicados apenas uma vez e tem longa duração.
- Coito interrompido é a técnica de retirar o pênis da vagina antes de ejacular.

3.5 DINÂMICA DE GRUPO SOBRE AGRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Dinâmica retirada do Manual do Multiplicador: adolescente, 2003.

Cuidando do ninho

Objetivo: Trabalhar com o grupo as questões relacionadas com a maternidade/paternidade precoce e com a responsabilidade de suas ações.

É preciso: Sala ampla e confortável, um ovo cru de galinha por participante, canetas hidrográficas.

Tempo necessário: 15 minutos em sala de aula e 5 a 7 dias no cotidiano.

O que fazer:

1. Marcar os ovos previamente: uma cor para o sexo feminino, outra para o sexo masculino, duas marcas para gêmeos e um asterisco ou uma trinca para alguma necessidade especial (deficiência).
2. Distribuir um ovo por participante ou dois ovos com a marca de gêmeos e explicar que ele simboliza um recém-nascido que será cuidado pelo garoto (pai) e pela garota (mãe).
3. Estimular os participantes a personalizarem seu bebê pintando um rosto, fazendo-lhe um ninho.
4. Estabelecer o compromisso de levar seu “bebê-ovo” a todos os lugares a que forem, pelo prazo de tempo estipulado pelo professor.
5. Solicitá-los a trazer os “bebês” no último dia do encontro ou do curso.
6. Anotar os depoimentos e as histórias ocorridas com o “bebê” e com o participante.

Pontos para discussão:

- Como o “bebê-ovo” interferiu na vida diária de cada participante.

- Quais sentimentos surgiram?
- Quais dificuldades apareceram durante o processo?
- Como foram interpretadas as quebras dos ovos?
- Por que há pessoas sem filhos?
- Algum "bebê-ovo" foi seqüestrado? Como evitar o sequestro?
- Quais aprendizados resultaram desta dinâmica?

Resultado esperado: Vivência do sentimento de responsabilidade que envolve a maternidade e a paternidade precoce e o cuidado com os filhos.

Nesta dinâmica os participantes tem a oportunidade de colocar-se na situação de pais ou mães precoces.

Pretende-se refletir sobre exercer a liberdade com responsabilidade, demonstrando uma das conseqüências da falta de prevenção e cuidado em nossas atitudes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

uns

(Caetano Veloso)

Uns vão, uns tão, uns são, uns dão, uns não, uns
hã de,
uns pés, uns mãos, uns cabeça, uns só coração,
uns amam, uns andam, uns avançam,
uns também, uns cem, uns sem, uns vêm, uns têm,
uns nada têm,
uns mal, uns bem, uns nada além, nunca estão
todos,
uns bichos, uns deuses, uns azuis, uns quase iguais,
uns menos, uns mais, uns médios, uns por demais,
uns masculinos, uns femininos, uns assim,
uns meus, uns teus, uns ateus, uns filhos de deus,
uns dizem fim, uns dizem sim, e não há outros.

São muitos e tantos que nos fazem refletir sobre a vida. A importância de ser feliz, buscando amar-se e respeitar-se, eis a essência de tudo. Trabalhar com a sexualidade e aprofundar temas tão provocantes, nos faz querer saber mais e mais, e, desta forma, passar os conhecimentos para refletir juntos, na escola, na família, no grupo de amigos, nas Secretarias de Estado, nas Universidades, nos locais de trabalho e de lazer.

Quando se está realizando um trabalho como este, parece que falta abordar tantos assuntos com mais profundidade, que este trabalho fica como um início para poder aprofundar em trabalhos futuros.

Sei que com este pequeno estudo aqui posto, está lançado o primeiro passo, de uma longa caminhada. Agora o que se pretende é trabalhar o tema com os alunos na escola e a partir daí levantar mais indagações e inquietações na busca constante do conhecimento. Continuemos então ...

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Editora UFPR, 2000.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Manual do multiplicador: adolescente**. Brasília, 2003.
- BUCHALLA, Anna Paula. **Saúde Sexual, Revista Veja**. 1888 ed. Ano 38, nº 3. Editora Abril, 2005.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Larousse Cultural**. Editora Nova Cultural. São Paulo, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Sexualidade do adolescente: fundamentos para uma ação educativa**. Salvador: CONSED, 1999.
- INSTITUTO PAULISTA DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA Dr Francisco Carlos Anello, data 13/04/05: www.ipgo.com.br/ginecologia/sexologia
- LAPLANCHE& POTALIS. **Dicionário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.
- PRIORE, Mary Del (org), BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- SCHERING E FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Sexualidade: prazer em conhecer**. CONSED, 2001.
- SUPLICY, Marta. **Orientação Sexual**. São Paulo: O Dia, 1997.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. São Paulo. Editora Max Limonad, 1986.